

VARIANTES DA LÍNGUA PORTUGUESA FALADA EM SANTA CATARINA - BRASIL

HILDA GOMES VIEIRA

(Universidade Federal de Santa Catarina/CNPq)

1. Considerações iniciais

Entre as variantes da língua portuguesa, um fato que chama atenção, revelando-se de extremo interesse ao ensino/aprendizado da escrita na escola, tem sido a realização do fonema fricativo alveolar /s/ em posição final de vocábulo. Esse interesse é justamente porque, além de apresentarem variantes na fala, [s], [z], [ʃ] ou [ʒ] costumam motivar certa dificuldade na aprendizagem das diversas grafias baseadas, quase sempre, na etimologia das palavras, mais do que na sua pronúncia. O ensino das grafias do fonema /s/ e suas variantes fonéticas, representadas na escrita pelos grafemas, "s" e "z", nos vocábulos estudados, pode ser facilitado, se o profissional de ensino da escrita tiver oportunidade de conhecer as variantes fonéticas da língua falada nas localidades onde atua.

As considerações acima vêm corroborar o valor de trabalhos de Geolingüística com sua preocupação de, não só descrever as variantes da fala, como também realizar trabalhos de análise, visando uma aplicação dos seus resultados voltada para o profissional de ensino da língua escrita (Vieira, 1994b e 1995).

Em relação à palatalização do fonema /s/ em sílaba tônica e final de vocábulos como "paz, dez, três, cruz, dois e seis", a literatura lingüística tem apresentado alguns resultados de estudos (Furlan, 1989:101-117) em algumas áreas de Santa Catarina.

A Pesquisa de Furlan apresentou 89,2% de palatalização de /s/ antes de pausa em municípios onde ocorreu o primeiro acentamento de núcleos açorianos do Estado por volta de 1748/56: Paulo Lopes, Garopaba, Florianópolis, Governador Celso Ramos, Itajaí e Piçarras. Alguns resultados de sua pesquisa nos

dão subsídios para testar, com outros informantes do Estado de Santa Catarina, as seguintes hipóteses:

1) A palatalização de /s/, não bem delimitada no Brasil, ocorre em Santa Catarina, na parte Central da faixa litorânea, inclui Garopaba e Paulo Lopes, ao Sul (Furlan, 1989:185-104), expande-se para dentro de povoações de etnia alemã, "(o que resulta também da ocorrência de fricativas palatais no alemão)" tais como: Santo Amaro, Águas Mornas, Antônio Carlos, Angelina e Brusque, sem excluir Canelinha, e finda, ao Norte, em Piçarras (p.103-114).

2) A palatalização do /s/ nestes contextos estaria relacionada com o fenômeno da ditongação, porque a "quase totalidade" dos que palatalizam o /s/ em final de vocábulo não ditongam a vogal precedente em vocábulos como "faz e vez" (fato comum nas classes populares brasileiras), nem emitem o /i/ em vocábulos como "dois e seis" (p.114-117).

3) A palatalização do /s/, que constitui um dos traços mais típicos do açoriano catarinense, atinge todos os níveis sociolingüísticos (p.104).

1. Objetivos do trabalho

1) Mapear a realização fonética do fonema /s/ nos seis vocábulos "paz, dez, três, cruz, dois e seis" na fala de 80 informantes do Projeto ALERS nas 80 localidades do Estado de Santa Catarina, comparando os resultados com os da pesquisa de Furlan naqueles municípios, com finalidades pedagógicas.

2) Verificar a relação entre a palatalização de /s/ e os fenômenos de ditongação, ou monotongação nos seis vocábulos no corpus do Projeto ALERS em Santa Catarina.

3) Comparar a palatalização na fala de informantes de três níveis sociolingüísticos das seis maiores cidades do Estado (para fins deste trabalho do ALERS, considerou-se, na realidade, como níveis sociolingüísticos, os três níveis de escolaridade dos informantes).

1. Metodologia

A metodologia empregada para o levantamento do "corpus" é o da tradicional Geolingüística e os dados foram informatizados no Sistema de Processamento de Dados Geolingüísticos (SPDGL), desenvolvido na Universidade Federal de Santa Catarina (Vieira, inédito) para agilizar a implantação do ALERS Regional (Vieira, 1994; 1996 e 1998: 100-13).

(O ALERS Regional é um Projeto Integrado entre as três Universidades dos três estados, do Sul do Brasil, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul, sob a coordenação geral do Dr. Walter Koch, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, em Porto Alegre. Nosso objetivo é elaborar o Atlas Lingüístico da Região Sul do Brasil, sendo que os três primeiros volumes estão prontos para publicação. Um

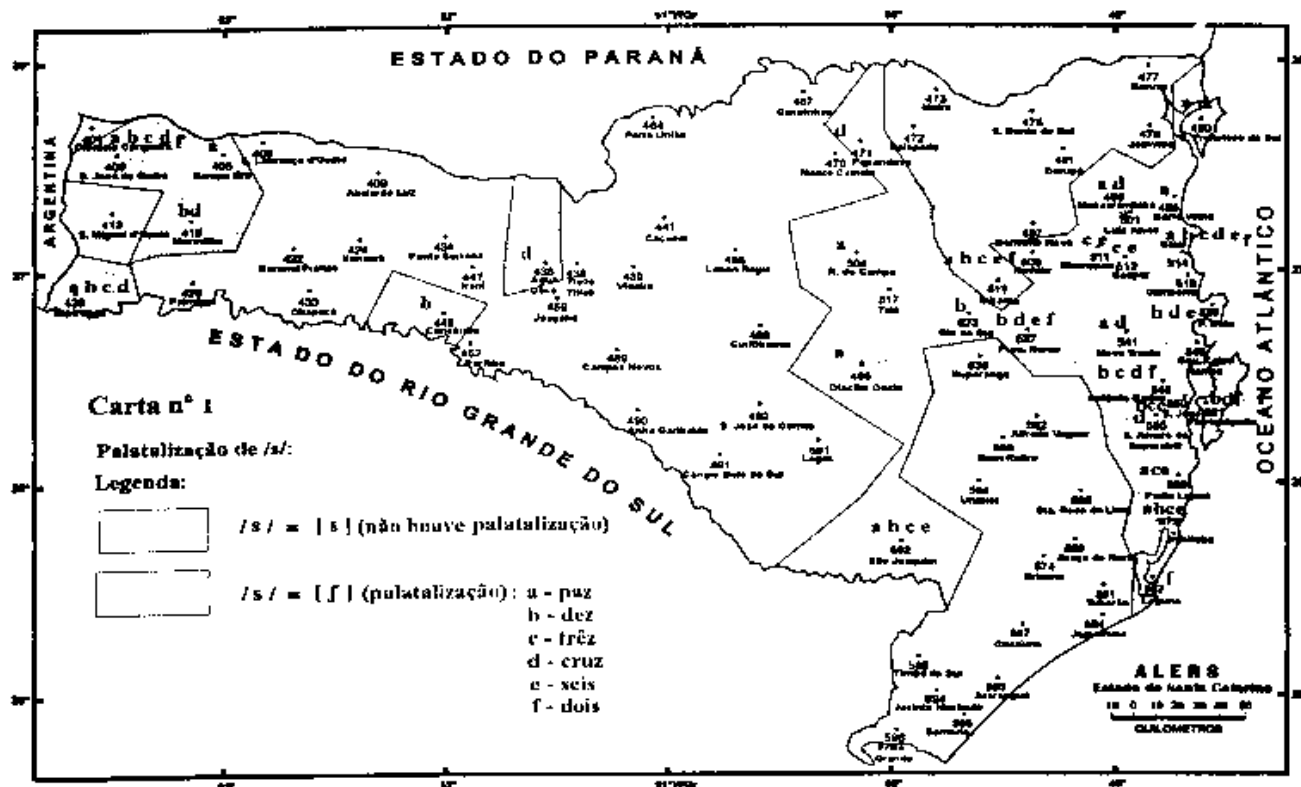
questionário de aproximadamente mil perguntas foi aplicado a 300 informantes, do sexo masculino, com idade aproximada de 45 a 65 anos em 300 localidades (Koch et alii, Vol. I, no prelo).

O Projeto em Santa Catarina, atualmente sob minha coordenação, registrou, por um lado, as variantes diatópicas de 80 informantes da Zona Rural, um em cada localidade selecionada. Por outro lado, as variantes diastráticas de 18 informantes da Zona Urbana, sendo 3 informantes em cada uma das 6 cidades de maior densidade do Estado. Estas cidades selecionadas são: a) duas de colonização italiana (Chapecó e Criciúma); b) duas de colonização alemã (Blumenau e Joinville); c) duas de colonização lusa (Florianópolis e Lages - açorianos e vicentistas, respectivamente). Apesar de Santa Catarina ter recebido, em várias épocas, uma diversidade de imigrantes, entre os quais alemães, italianos, poloneses, lusos, japoneses, que ocuparam determinadas áreas do Estado, e tendo que restringir o âmbito da pesquisa, foram selecionadas, para a pesquisa diastrática do ALERS apenas estas três etnias mais representativas.

Nestas seis cidades, foram selecionados informantes de três níveis de escolaridade: a) semi-alfabetizados, ou com escolaridade até a 4ª série do Primeiro Grau; b) oitava série do Primeiro Grau; c) terceira série do Segundo Grau.

4. Mapeamento da palatalização de /s/

A carta nº 1, a seguir, apresenta a palatalização do fonema /s/ em posição final dos vocábulos: "paz, três, dez, cruz, seis e dois".



A área hachurada da carta mostra que, nos seis vocábulos pronunciados por um mesmo informante em cada ponto, há, pelo menos, um caso de palatalização do /s/. A carta confirma a pesquisa de Furlan em relação à palatalização no litoral do Estado. Entretanto, minha pesquisa pode mostrar, pelo menos, mais duas constatações importantes:

1) A palatalização não ocorre somente em Zona povoada por açorianos e alemães, conforme verificou Furlan (1989:104). O processo, que começa a se estender para o Oeste do Estado, é verificado, quer em municípios de colonização alemã e açoriana (como observou Furlan), quer em municípios povoados por italianos, poloneses, ucranianos e vicentistas (Cf. GAPLAN, 1986).

2) A ampliação para outros municípios é expressa na fala dos informantes que dominam, ou somente o idioma português (lusos: açorianos, e vicentistas) ou o português e mais uma ou duas da(s) outra(s) línguas(s) falada(s) na(s) respectiva(s) localidade(s).

Apresento, a seguir, a relação dos municípios onde ocorreu a palatalização nos dados do Projeto ALERS em Santa Catarina, acompanhada da respectiva língua falada pelo informante, sendo que os municípios assinalados com um asterisco (*) antes de seu nome são os que coincidem com o da palatalização na pesquisa de Furlan. A palatalização nos municípios compreende três áreas: a) a primeira Área alcança uma faixa de Norte a Sul no litoral; b) a Segunda Área, uma faixa de Norte a Sul no Centro; c) a terceira Área, alguns municípios no Oeste do Estado.

4.1 Área do litoral: a palatalização se estende na faixa litorânea, desde São Francisco, ao Norte, até Laguna, ao Sul, nos seguintes municípios:

1) Municípios onde o informante fala somente o português: a) São Francisco do Sul; b) Barra Velha; c) *Itajaí; d) Camboriú; e) Porto Belo; f) *Governador Celso Ramos; g) *Florianópolis; h) *Santo Amaro da Imperatriz; i) *Paulo Lopes; j) Imbituba e k) Laguna. As localidades onde o informante é de descendência luso-açoriana são dos itens a, d, f e g, sendo, nos demais municípios, informantes de descendência lusa, não-açoriana. Os municípios de Garopaba e Piçarras desta área da pesquisa de Furlan não foram estudados pelo ALERS. Nos municípios b, e, g, h, há também moradores de descendência alemã. No município de Laguna, há também moradores de descendência italiana. E, nos municípios de Camboriú e Itajaí, há também moradores de descendência italiana e alemã.

2) Municípios onde o informante fala português e alemão: a) Luis Alves; b) Blumenau; c) Gaspar; d) Presidente Nereu; e) *Antônio Carlos; f) São José. Nos

municípios de Luis Alves e Presidente Nereu, há moradores descendentes de italianos, além de lusos e alemães.

3) Municípios onde o informante fala português e italiano: a) Massaranduba; b) Rodeio; c) Nova Trento. No município de Massaranduba, há também moradores descendentes de alemães, além de lusos e italianos.

4.2 Área do Centro: a palatalização no Centro do Estado estende-se numa faixa em direção Norte Sul, nos seguintes municípios:

1) Municípios onde o informante fala somente português: a) Papanduva; b) Rio do Campo; c) Taió; d) Rio do Sul; e) Otacílio Costa; f) São Joaquim. No município de Taió, há também moradores descendentes de alemães e italianos. No município de Rio do Sul, há também descendentes de alemães e poloneses. E, no município de São Joaquim, há também descendentes de italianos.

2) Municípios onde o informante fala português e polonês, ou mais o Ucrâniano: a) Informante de Rio do Campo fala português e polonês; b) informante de Papanduva fala português, polonês e ucraniano.

4.3 Área do Oeste: a palatalização ocorre em seis dos municípios do Oeste Catarinense:

1) Municípios onde o informante fala somente português: a) Campo Erê; b) Água Doce. Em Campo Erê, há também moradores descendentes de alemães e italianos. E, no município de Água Doce, há também moradores descendentes de italianos.

2) Municípios onde o informante fala português e alemão: a) Maravilha; b) Itapiranga. No município de Maravilha, há também descendentes de origem italiana.

3) Municípios onde o informante fala português e italiano: a) São José do Cedro e Concórdia. Nestes dois municípios há também descendentes de italianos.

Em resumo, observa-se que a palatalização ocorre em Zona de colonização alemã, italiana, polonesa, ucraniana e lusa (açorianos e vicentistas), independente da língua falada pelo informante, que pode ser: a) somente português; b) português e alemão; c) português e italiano; d) português e polonês, com ou sem o ucraniano.

O processo, que parece ter sido iniciado em Zona de colonização açoriana, como já havia observado Furlan, se expande para outras partes do Estado, sendo uma faixa de Norte a Sul, na Região Central do Estado e mais seis municípios no Oeste que foram objeto da pesquisa do ALERS.

O quadro nº 1, a seguir, apresenta os percentuais de palatalização do fonema /s/ nos vocábulos em estudo. Nos seis vocábulos, falados por um mesmo

informante, o fonema /s/ tem, pelo menos, quatro realizações fonéticas: [s], com 80,91%; [ʃ] com 15,29%; [ʒ] com 0,62% ; e [z], com 0,62%.

Quadro nº 1: Realização do fonema /s/ em final de vocábulo na Língua Portuguesa falada na Zona Rural em 80 localidades do Estado de Santa Catarina - Brasil						
nº de ordem	Vocábulos	Ortografia	Ocorrência das variantes (%)			
			s	ʃ	ʒ	z
1	paz	z	77,5	20	1,25	-
2	dez	z	82,5	12,5	-	2,5
3	três	s	78	16	1,25	-
4	cruz	z	80	17,5	-	1,25
5	seis	s	87,5	8,75	1,25	-
6	dois	s	80	17,5	-	-
Média			80,91	15,29	0,62	0,62

Um caso interessante ocorreu, embora em pequena escala, neste quadro nº 1: a variante fonética alveolar, não palatalizada [z] com 0,62%; e a variante velar, surda, palatalizada, [ʒ], também com 0,62%. Estes dados alertam para algumas dificuldades a serem superadas pelo profissional mais avisado, no ensino da escrita. Temos, então, um só fonema /s/, com quatro variantes fonéticas, [s], [ʃ], [ʒ] e [z], a serem representadas na ortografia por apenas dois grafemas, "s" ou "z".

5. Relação da palatalização com a ditongação

Neste ponto do trabalho, era preciso saber se a palatalização tem algo a ver com a ditongação nos vocábulos, para verificar a hipótese de Furlan (1989:114-117), segundo a qual a palatalização de /s/ em sílaba tônica final seria explicada pela ditongação da vogal que levaria à palatalização do /s/ e posterior queda do iode. Isto posto, apresento o quadro nº 2, com o resultado da pesquisa no ALERS. Estes dados são relevantes para o profissional de ensino da língua levar em consideração em suas aulas de ensino da escrita.

Quadro nº 2: Realização de vogal, seguida de /s/, em final de vocábulo, com, ou sem ditongação, ou palatalização de /s/, ou conseqüente monotongação, na Língua Portuguesa falada na Zona Rural em 80 localidades do Estado de Santa Catarina - Brasil

Nº de ordem	Vocábulos	Ocorrência das variantes			
		%			
		s	js	jʃ	ʃ
1	paz	47,5	30	12,50	8,75
2	dez	6,25	76,25	8,75	3,75
3	três	2,5	77,5	9,00	7,50
4	cruz	46,25	33,75	12,50	6,25
5	seis	-	87,5	6,25	2,75
6	dois	-	80	10,68	5,81
Média	Zona Rural	23,12	83,75	8,75	4,50

O quadro nº 2 mostra uma percentagem média de freqüência de 23,12% na realização de vogal mais [s], seguida de uma freqüência de 83,75% de ditongo mais [s], a que se segue 8,75% de ditongo mais [j] (palatalização de /s/), e depois 4,5% de ditongo menos [j] (queda do iode).

Neste ponto da pesquisa, poder-se-ia imaginar a seguinte seqüência de regras de derivação:

- (1) 1) /pas/ - realização de "paz"
 2) [pajs] - ditongação (fato comum em todo o Estado)
 3) [paij] - palatalização de /s/ motivada pelo iode
 4) [pa] - queda do iode (absorvido pela homorgânica [j])

Pergunta-se-ia: por quê esta seqüência: (/pas/ → [pajs] → [paij] → [pa]), como especifiquei acima, e não outra ordem nas regras?

A resposta pode ser deduzida do mesmo quadro nº 2, acima:

Com a inclusão neste quadro nº 2, dos itens 5 e 6, vocábulos "dois e seis", respectivamente, em que o /s/ final é precedido de ditongo na sua forma original, obtivemos subsídios para aceitar a seqüência de regras acima, e não outra. Por exemplo, nestes itens citados, itens 5 e 6 do quadro 2, não há, em todo o Estado, nem um caso de queda do iode seguido de /s/. Nunca ocorreu, por exemplo, nem

*[dos], nem *[ses]. A monotongação só ocorre, nestes dois vocábulos, depois da palatalização da fricativa que a segue.

A explicação mais acertada para o fato é evidente: como a ditongação dos vocábulos "paz, dez, três e cruz" tem sido um fato comum no português catarinense, esta inclusão da palatal [j] cria, de forma natural, o contexto para a palatalização do [s] que lhe segue, provocando, pelo mesmo motivo, a palatalização de /s/ nos vocábulos que já possuem naturalmente o iode seguido de /s/ como em "seis e dois". Finalmente, o iode é absorvido pela homorgânica [j] nos dois tipos de vocábulo. Pode-se, então, concluir que a hipótese de Furlan da relação entre palatalização de /s/ e a ditongação se confirma nos dados do ALERS em Santa Catarina.

6-A pesquisa em três níveis sociolingüísticos

Nesta parte do trabalho, procurei testar a afirmação de Furlan, segundo a qual a palatalização do /s/ "atinge todos os níveis sociolingüísticos" em Santa Catarina.

O quadro nº 3, a seguir, mostra uma freqüência de palatalização praticamente muito parecida nos três níveis de escolaridade, (22,22%, no Segundo Grau; 25,00%, no Primeiro Grau e 22,22% entre os semi-alfabetizados).

Quadro nº 3: Realização do fonema /s/ em final dos vocábulos (paz, três, dez, cruz, dois, seis) na Língua Portuguesa falada na Zona Rural em 80 localidades do Estado de Santa Catarina - Brasil						
nº de ordem	Vocábulos	Ortografia	Ocorrência das variantes (%)			
			s	j	3	z
1	2º Grau	s/z	75,00	22,22	-	-
2	1º Grau	s/z	72,22	25,00	-	-
3	Semi-alf.	s/z	72,22	22,22	-	-

Confirma-se, portanto a hipótese de Furlan em Relação à palatalização nos três níveis que consideramos sociolingüísticos para fins deste trabalho. Entretanto, com a confirmação da relação entre palatalização e a ditongação, pudemos descobrir, pelo menos, mais dois fatos importantes: ao compararmos os dados do quadro nº 4 (variantes dos vocábulos "paz, dez, três e cruz") com os dados do quadro nº 5 (variantes dos dois vocábulos "dois e seis"), tem-se o seguinte resultado:

1) Por um lado, temos ainda, no quadro nº 4, uma palatalização com a queda do iode mais ou menos equilibrada nos três níveis de escolaridade (12,50 no Segundo Grau; 16,66 no Primeiro Grau e 12,50 entre os semi-alfabetizados).

Quadro nº 4: Ditongação de vogal e/ou palatalização de /s/ nos vocábulos "paz, três, dez, cruz" na Língua Portuguesa falada em informantes de três níveis de escolaridade, em seis cidades de Santa Catarina.					
Nº de ordem	Escolaridade	Ocorrência das variantes %			
		s	js	jʃ	ʃ
1	2º Grau	37,5	33,33	12,50	12,50
2	1º Grau	16,66	58,33	4,16	16,66
3	Semi-alf.	8,33	62,5	8,33	12,50

2) Por outro lado, no quadro nº 5, a seguir, há uma diferença bem significativa entre os três níveis de escolaridade, onde se observa a ausência total de queda do iode com o /s/ palatalizado, na fala dos informantes de Segundo Grau em todas as seis cidades pesquisadas.

Quadro nº 5: Palatalização de /s/ com, ou sem monotongação, nos vocábulos "dois e seis" na Língua Portuguesa falada por informantes de três níveis de escolaridade, em Santa Catarina					
Nº de ordem	Escolaridade	Ocorrência das variantes %			
		s	js	jʃ	ʃ
1	2º Grau	-	83,33	16,66	-
2	1º Grau	-	66,66	16,66	16,66
3	Semi-alf.	-	75,80	16,66	8,33

Isto quer dizer que a queda do iode nos vocábulos "dois e seis", que possuem naturalmente o iode na sua forma básica, só ocorre com informantes menos escolarizados, e depois que tiver ocorrido a palatalização do /s/; fato, este, que costuma ser considerado um estigma na fala do açoriano com menos escolaridade. Realmente, é muito comum entre estes informantes a realização de [doʃ], [seʃ], [vaʃ], para "dois, seis e vais", o que não se aceita nem se constata em níveis de escolaridade mais elevados. Entretanto, em vocábulos como "paz e dez", que não possuem iode em sua forma básica, a queda do iode é mais equilibrada

nos três níveis, e também bem aceita em pessoas de nível mais escolarizados. Outros dados dos quadros de número 4 e 5 precisam ser aprofundados em trabalhos posteriores.

7. Conclusão

1) A pesquisa sobre a palatalização do /s/ em final de vocábulo mostra-se muito produtiva. Ela confirma a hipótese de Furlan, enriquecida por outros achados que são de importância fundamental para o ensino da escrita. A palatalização realmente ocorre em boa parte do litoral catarinense. Parece ter se iniciado no litoral, mas se estende por boa parte do Estado. Ela não ocorre somente em Zona povoada por açorianos e alemães, conforme verificou Furlan (1989:104). O processo, que começa a se estender para o Oeste do Estado, é verificado, quer em municípios de colonização alemã e açoriana (como observou Furlan), quer em municípios povoados por italianos, poloneses, ucranianos e vicentistas, independente da(s) língua(s) falada(s) pelos informantes.

2) Confirma-se a íntima relação entre palatalização de /s/ e a ditongação de vogais: a) A ditongação em vocábulos terminados em /s/, que ocorre nas classes populares brasileiras, ocorre também em todo o Estado de Santa Catarina; b) Em algumas áreas do Estado, ocorre a ditongação, seguida de palatalização do /s/ e posterior queda do iode (monotongação); c) Em vocábulos terminados em ditongo seguido de /s/, também ocorre a palatalização do /s/, seguida de queda do iode (monotongação).

3) Outro ponto fundamental é que a palatalização atinge todos os níveis sociolingüísticos, mas, no Segundo Grau, não existe um só caso de queda do iode (monotongação) nos vocábulos "dois e seis" mesmo depois de ter havido a palatalização da fricativa /s/ que segue o ditongo. Trabalho futuro mapear a realização da queda do iode em vocábulos como dois e seis em vários níveis sociolingüísticos.

4) Se pensarmos em termos de contribuição pedagógica dos resultados da pesquisa, muito oportuno será fazer o mapeamento da variação diatópica, por bairro, em todas os municípios de Santa Catarina, para captar todas as variantes, não só do português, como da influência de outras línguas provenientes da miscigenação das diversas etnias povoadoras do Estado em várias épocas de sua ocupação.

Referências Bibliográficas

- FURLAN, O. A. (1989) *Influência açoriana no Português do Brasil - em Santa Catarina*. Florianópolis. Editora da Universidade Federal de Santa Catarina.
- GAPLAN, Santa Catarina (1986) *Atlas de Santa Catarina*. Rio de Janeiro. Aerofoto Cruzeiro.
- KOCH, W.; KLASSMAN, M. S.; FURLAN, O. A.; VIEIRA, H. G. e MERCER, J. V. (no prelo). *Atlas Lingüístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil (ALERS): VOL. II - Cartas*

Fonético-Fonológicas. Porto Alegre. Editora da Universidade Federal de Rio Grande do Sul.

_____ (no prelo) *Atlas Lingüístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil (ALERS): VOL I - Introdução*. Porto Alegre. Editora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

VIEIRA, H.G. (1994a) Informatização de dados no Projeto ALERS. In *Anais do IX Encontro Nacional da ANPOLL em Caxambu*. Brasília. Universidade Federal de Brasília, p. 345-346.

_____ (1994b) O papel da Dialetoлогия na aprendizagem da escrita. In *Anais da II Semana de Pesquisa da UFSC*. Florianópolis. Pro-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação, p. 113-114.

_____ (1995) Levantamento e queda das vogais átonas na língua portuguesa. *Grupo de Trabalho de Sociolingüística no Simpósio Nacional sobre o ensino e pesquisa da língua portuguesa: contribuições da Sociolingüística*. Rio de Janeiro. Universidade Federal do Rio de Janeiro.

_____ (1996) Sistema de Transcrição de dados e elaboração de Cartas Lingüísticas. In *Seminário Nacional: Caminhos e Perspectivas para a Lingüística no Brasil*. Salvador. Universidade Federal da Bahia, p. 97-108.

_____ (1998) Fundamentos para organizar/manter um Banco de Dados Geolingüísticos. In AGUIRELA, Vanderci de Andrade. *Geolingüística no Brasil: Caminhos e Perspectivas*. Londrina. Editora da Universidade Estadual de Londrina. P. 100-113.

_____ (1996) A realização da semivogal // em sílaba tônica. Florianópolis. Paineis na Semana da Pesquisa - Departamento LLV - Universidade Federal de Santa Catarina.

_____ (inédito) Sistema de Processamento de Dados Geolingüísticos (Software - SPDGL, elaborado no Departamento LLV) Florianópolis. Universidade Federal de Santa Catarina.